

INCERTEZA, UM ENSAIO: UMA RESENHA PARA PENSAR AS CERTEZAS DO DIREITO, DA SOCIEDADE E DA TECNOLOGIA

Resenha do livro: BUCCI, Eugênio. Incerteza, um ensaio: como pensamos a ideia que nos desorienta (e orienta o mundo digital). Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

“Incerteza, um ensaio” é livro escrito por Eugênio Bucci e recentemente publicado pela Editora Autêntica, de Belo Horizonte. Com texto de orelha de Vladimir Safatle, a obra conta também com ilustrações interessantes, divertidas e provocativas a respeito dos temas tratados ao longo do texto e foram traçadas pelo próprio autor.

Formado em Direito e Jornalismo, Eugênio Bucci é doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo e professor titular da Escola de Comunicações e Artes da mesma universidade. É autor, dentre outros, de “O Estado de Narciso: a comunicação pública a serviço da vaidade particular” (Bucci, 2015), resultado de sua tese de livre-docência; de “A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível” (Bucci, 2021), finalista do Prêmio Jabuti de 2022; e, em parceria com Maria Rita Kehl, de “Videologias: ensaios sobre a televisão” (Bucci; Kehl, 2004); dentre outras obras.

“Incerteza, um ensaio” é composto por dezenove pequenos textos, os quais perpassam inúmeros temas, como metáforas, entropia, desorganização, máquinas, religião digital, guerra e paz, mulheres, ciência, imprensa e política, dinheiro, assimetrias e

Como citar este artigo:
SBIZERA, José.
Incerteza, um ensaio:
uma resenha para
pensar as certezas do
direito, da sociedade
e da tecnologia.
Argumenta Journal
Law, Jacarezinho – PR,
Brasil, n. 48, 2026,
p. 463-472.

Data da submissão:
12/02/2025
Data da aprovação:
06/04/2026

radicalização.

Como o título do livro diz, é escrito como um ensaio, tipo textual pouco valorizado ultimamente no mundo acadêmico-jurídico e suas pretensões científicas de alcance de verdades, exatidões e certezas, especialmente em revistas “com *Qualis* altamente relevantes”. Os ensaios, como se sabe, têm um algo intuitivo, errático e tateante. Mas também pensadores das ciências exatas há tempos discutem sobre a possibilidade ou não do uso da intuição na resolução - não na explicação - dos problemas em suas áreas de conhecimento (Cf. Poincaré, 2007).

Segundo Lukács (2015, p. 43), os ensaios falam de algo já formado, de algo já existente, e é parte de sua essência não destacar coisas novas a partir de um nada vazio, e sim ordenar de uma maneira nova as coisas que já existem; “e como ele apenas as ordena novamente, sem dar forma a algo novo a partir do que não tem forma, encontra-se vinculado às coisas, tem de sempre dizer a verdade sobre elas, encontrar expressão para sua essência”.

Adorno (2003, p. 15), por sua vez, considera que o ensaio não admite que sua competência lhe seja prescrita: “em vez de alcançar algo cientificamente ou criar artisticamente alguma coisa, seus esforços ainda espelham a disponibilidade de quem, como uma criança, não tem vergonha de se entusiasmar com o que os outros já fizeram”; diz, ainda, que o ensaio fala sobre o que quer falar, diz o que a respeito do tema lhe ocorre e termina quando sente ter chegado ao fim, e “não onde nada mais resta a dizer” (Adorno, 2003, p. 16). O ensaio ocupa, portanto, para Adorno (2003, p. 16), “um lugar entre os despropósitos”.

Leandro Konder, a seu modo, diz que o ensaio é algo construído de maneira não pretensiosamente científica, sem tons peremptórios, categóricos e conclusivos; ou seja, é algo mais próximo de um teste, de uma preparação, de uma encenação, de uma tentativa, de uma experiência; algo livre, inconformista: “A força do ensaio está muito mais naquilo que ele recusa do que na clareza e na coerência daquilo que propõe”, considera Konder (2005, p. 44).

Vai algo destes caracteres nos textos de Bucci. E, deste modo, trata, versa e discute importantes temas. “Como pensamos a ideia que nos orienta (e orienta o mundo digital)” é o subtítulo do ensaio.

E, para tanto, Bucci (2023) argumenta sobre a importância das me-

táforas sugeridas pela ciência, uma vez que elas traduzem sensações e pensamentos antes indizíveis, expandindo horizontes para o que podemos falar, representar e ver. Neste sentido, o autor recupera inúmeras situações e descobertas na história do conhecimento que, mais cedo ou mais tarde, se transfiguraram em metáforas e, por analogia, fizeram avançar áreas e proporcionar descobertas completamente diferentes das propostas iniciais.

Os primeiros textos da obra são dedicados a traçar aspectos da relação entre incerteza, entropia e informação. De maneira abreviada, mas suficiente para o cumprimento de seus objetivos, Bucci destaca elementos biográficos e feitos de algumas personalidades científicas, como os matemáticos Rudolf Clausius, George Boole, Claude Shannon, John von Neumann, Norbert Wiener e o físico Werner Heisenberg; memorando o leitor que ao estudo da incerteza se dedicavam muitos pensadores das exatas. “Heisenberg demonstrou que, na dimensão quântica, uma parte dos fenômenos está obrigatoriamente imersa na incerteza. Ou você aceita conviver com ela, ou ela paralisa você”, explica Bucci (2023, p. 20).

Em um dos textos, provocado por convite de Tércio Sampaio Ferraz Jr., Bucci confessa sua cisma em torno do termo “incerteza”; e, recuperando brevemente capítulos da história da invenção dos computadores na década de 40 do século passado, conclui que quem quiser “estimar o volume da informação teria que mensurar, antes, o volume da incerteza” (Bucci, 2023, p. 16). Mais à frente, no mesmo texto, Bucci comenta o momento da identificação da noção de entropia na Termodinâmica como metáfora para calcular a informação. Entropia, na origem grega, faz referência a um “conteúdo em transformação, ou com potência para transformar” (Bucci, 2023, p. 21); e, sem o uso dessa aproximação e dessa analogia, não teríamos hoje a tomografia computadorizada, a inteligência artificial, o aprendizado de máquinas, as *big datas*, a urna eletrônica ou mesmo as redes sociais: “o mundo digital nunca teria acontecido” (Bucci, 2023, p. 23).

Desde Wiener, e mais uma vez sobre a relação entre entropia e informação, Bucci comenta que se um dado, um anúncio ou um enunciado confirma algo que já era esperado, tem pouco valor informativo; o valor da informação, portanto, seria diretamente proporcional à sua improbabilidade (Bucci, 2023, p. 34).

Nesta linha de sentido, Bucci segue recontando passagens e paragens da fabricação das potentes máquinas, luzes, sinais, caixotes, codificações, comunicações e decodificações para a transmissão de dados entre zeros e uns que culminou em todo o arcabouço da informação no mundo digital; e que agora se encontra em nossas mãos:

o seu smartphone calcula tudo isso. Ele dispõe de um conjunto de respostas possíveis, às quais atribui probabilidades precisas. Ele sabe muitas coisas a seu respeito. Sabe, por antecipação, que a probabilidade de você começar a latir é mínima. Sim, você é um fator de incerteza para a máquina e para os algoritmos que, por meio da máquina, têm acesso aos seus cacoetes e às suas manias – mas, atenção, a incerteza que você representa para a máquina é cada vez menos incerta. Sobre o seu comportamento, os equipamentos digitais têm cada vez mais certezas do que incertezas (Bucci, 2023, p. 50).

De outro modo, no entanto, são as certezas de quem está do lado de cá da tela, seus usuários. “A máquina é um fator de incerteza muito maior para você do que você para ela”, considera Bucci (2023, p. 53), que acertadamente argumenta que não temos ideia de como a máquina faz para saber tudo sobre nós. “Do lado de lá existe um conjunto de operações complexas, muito lucrativas e inacessíveis” (Bucci, 2023, p. 53). Não sabemos exatamente o que se passa no interior, material e virtualmente, do lado de lá da máquina. “As únicas pessoas que têm algum conhecimento a respeito do lado de lá são aquelas que têm a chave do cofre onde as *big techs* [...] trancafiavam os códigos de seus algoritmos” (Bucci, 2023, p. 54). Verificam-se, portanto, assimetrias. Pequenos conglomerados de tecnologia construindo e multiplicando incertezas contra uma sociedade que ingênua e ilusoriamente se autodenomina “de conhecimento”.

A incerteza é um bem (ou um mal) que se distribui de forma iníqua no mundo digitalizado: ela é maior, é imensa, é intransponível para os humanos que não são donos de fortunas, de grandes empresas ou do poder; ela é reduzida, bem administrada e lucrativa para os donos das companhias que valem bilhões ou trilhões de dólares e para os que comandam a máquina da política. No mais das vezes, nós vemos essa iniquidade como uma fissura entre humanos e máquinas, mas, para dizer a verdade, estamos falando aqui de uma fissura entre classes sociais. A diferença é que os de cima,

a elite da elite da elite, têm a propriedade da tecnologia, da qual extraem ganhos com a incerteza, enquanto os de baixo só perdem com ela. O nosso problema, enfim, não reside na tecnologia, mas nas relações de propriedade que a amarram (Bucci, 2023, p. 56-57).

Outro aspecto mencionado por Bucci de maneira provocativa e instigante se refere ao pensamento usual que supõe que os processos administrativos intermediados por máquinas e números seriam dotados de maior objetividade e certeza do que aqueles realizados por humanos, demasiadamente humanos... “Acreditamos que a tecnologia reduz a incerteza porque seria infensa à ideologia”, considera Bucci (2023, p. 62); mas acreditamos nisso porque “assim como não vemos a classe social por trás da máquina, também não vemos lá o imperativo de acumulação de capital” (Bucci, 2023, p. 62-63). A partir deste mote, junto com um “apego à numeralha”, se teria o que chamou de “religião digital”:

Os números, as fórmulas e as estatísticas são as divindades do fanatismo da técnica, o nosso fanatismo. Damos como certo que, com o auxílio luxuoso de zeros e uns em aparelhos insondáveis, estamos menos propensos a subjetivismos nocivos como o patrimonialismo, a corrupção, o nepotismo e o abuso de poder. Pode soar espantoso, mas o homem perfeito para o ideal do bem público em voga precisa ser um organismo de silício, ao menos em parte. Na religião digital, ou no fanatismo da técnica, nutrimos uma queda por ciborgues morais. Eis o fetiche em que desembarcamos: a impessoalidade maquínica. [...] Raramente temos ouvidos para a suspeita de que a certeza encenada pelas máquinas que a tudo nos respondem com tanta segurança talvez seja a pior forma de mentira (Bucci, 2023, p. 63-64).

A respeito da associação entre imprevisibilidade e liberdade, Bucci comenta perspectivas desejáveis da incerteza, especialmente na relação humano-máquina. Se há um emissor livre, tem-se a possibilidade de que a comunicação virtual das máquinas auxilie na comunicação real entre as pessoas. Trata-se de pensar as máquinas como meio. No entanto, se o sistema meio manda sempre os mesmos sinais, idênticos, invariáveis, a pessoa não teria então uma informação propriamente dita, mas um mais do mesmo, uma redundância: “o sinal que repete o já sabido e não me traz nada de novo – prima pelo que me entedia” (Bucci, 2023, p. 68). Segundo

Bucci (2023, p. 69), esta redundância demonstraria falta de liberdade. As máquinas e seus sistemas como meios de comunicação, portanto, demandariam, para que esta comunicação efetivamente ocorresse, que os interlocutores não emitissem as mesmas mensagens mais ou menos variadas. Para que haja comunicação de fato, há que se ter troca de pontos de vista, é preciso uma incerteza sobre o que exatamente será dito e anunciado, é preciso “que o interlocutor nos surpreenda”. Receber uma mensagem que reafirma o que o sujeito já sabe, segundo Bucci (2023, p. 70), é uma redundância narcísica; e retomando Claude Shannon e Warren Weaver, menciona que estes autores, a despeito de serem gente das exatas, consideravam que a incerteza não poderia ser vista unicamente como um fator de aflição ou angústia, e nem mesmo de mentira; mas sim como um componente natural, desejável, dos processos comunicacionais (Bucci, 2023, p. 71).

Para discutir a incerteza, Bucci recorre, mesmo que rapidamente, à história, às situações de guerra e de paz, memora personagens e episódios, relacionando-os. É impactante pensar, no exemplo que traz da figura de Alan Turing, que morreu como vítima de uma intolerância que não admitia “um milímetro de indefinição que fosse nas identidades sexuais” (Bucci, 2023, p. 76).

Para discutir a incerteza, Bucci (2023, p. 81) recorre à literatura, a Dom Casmurro e Capitu, afirmando que o que o princípio da incerteza de Heisenberg anunciou na física quântica, “Machado já avisava na literatura fazia tempo”.

Para discutir a incerteza, Bucci recorre a discussões sobre as (in)certezas da ciência e suas demandas de falibilidade; à imprensa, ao jornalismo, às notícias e suas pistas tênues, indicações, lampejos e descuidos; e à política, que, se degenerada à tirania, restringe movimentos, constrange, impede o exercício das ideias e dos seres, mitiga imprevisibilidades e surpresas: “na tirania, a informação tem seu valor corroído, a ciência cai sob o controle do poder, a imprensa sofre um processo de colonização e a política se rebaixa em administrativismo” (Bucci, 2023, p. 93).

Para discutir a incerteza no pensamento econômico, Bucci recorre Keynes, ao espírito, ao animalesco ou a ambos. “O dinheiro se excita ao se aproximar das imprevisibilidades”, considera; mas afirma que a democracia se apraz com o incerto, enquanto o capital, não exatamente:

O mercado não funciona como um conhecimento que seja comum a todas e todos. Longe disso. O mercado só acontece quando existem disparidades informacionais. O comerciante que sabe mais do que o cliente leva a melhor sobre ele. Quem sabe mais que o concorrente tem mais chance de sucesso. Quem tem mais conhecimento com mais antecedência ganha mais. Saber o que o outro não sabe e a alma do negócio desalmado (Bucci, 2023, p. 106).

E a despeito do discurso sobre “segurança jurídica”, Bucci assevera que, na esfera do capital, apenas o saber proprietário tem valor. O capitalista valoriza, de fato, o conhecimento que só ele tem e poucos dominam. “A incerteza [...] constitui um problema de fundo no ambiente de negócios, e a solução para esse problema é a informação exclusiva e, de preferência, secreta”, explica Bucci, ilustrando que “o código-fonte dos algoritmos e dos *softwares* das chamadas *big techs*, como Amazon, Meta e Alphabet, é secreto, por definição” (Bucci, 2023, p. 109).

Para discutir a incerteza no mundo, Bucci recorre à contradição entre democracia e capital, salientando que, na era digital, os conglomerados monopolistas globais, as gigantes da tecnologia, é que acabam controlando a democracia. Tais companhias investem em pesquisa com o objetivo de produzir resultados privados, e não públicos. E essa produção privada de conhecimento gera ignorância fabricada, desconhecimento.

São essas características do capital que entram em contradição direta com a política democrática. São também essas as características que determinam o comportamento dos *softwares* proprietários, da Inteligência Artificial, do *machine learning* e do *big data*. Quando vemos um algoritmo com viés francamente classista (como nas recusas de empréstimos para consumidores de extração mais modesta), estamos vendo de frente a técnica que não esconde, mas revela o capital. Quando flagramos um comportamento racista nos critérios programadores de dispositivos digitais (como as câmeras de reconhecimento facial que incriminam mais negros do que brancos), estamos diante do capital que se trai. [...] O capital, em sua inércia automática, tende a acentuar as iniquidades em cima das quais processa a acumulação. Parece uma divindade caprichosa, mas é apenas o capital que, ao se reproduzir, reproduz as condições propícias à sua própria reprodutibilidade. O viés classista e o preconceito racial fazem parte

dessas condições. No que depender do motor automático, o dinheiro não se compadece de ninguém, seja no chão de fábrica, seja na internet (Bucci, 2023, p. 114-115).

Para discutir a incerteza, questiona o humano, mais especificamente: que tipo de humano pode desfazer as disfunções dos mecanismos discriminatórios na rede. O questionamento é válido porque “o capital cumpre sua pauta, antes mesmo que a consciência crítica se dê conta do que se passa” (Bucci, 2023, p. 119); questiona também o futuro humano a partir do abuso e da exploração atual que as *big techs* sutilmente impõem às crianças.

Para discutir a incerteza, questiona a assimetria entre o capital e a técnica, de um lado, e a política democrática, de outro, que resulta num patamar que lembra as descrições totalitárias: “nas tiranias totalitárias, o poder central tem acesso a cada detalhe da intimidade das pessoas, das famílias, de qualquer agrupamento social” (Bucci, 2023, p. 133). Evidentemente que este poder central já há algum tempo não é monopólio do Estado, e a cada dia mais passa às mãos nada invisíveis dos novos Leviatãs privados.

Não devemos ver por trás do ‘mundo digital’ pessoa de carne e osso, mas uma classe social, e, por trás dessa classe, devermos ver a técnica que ordena a ação das pessoas de carne e osso. [...] Não há mais como separar técnica e capital. Ambos são corpos em fusão irreversível. [...] O modo de produção capitalista, emancipado de qualquer forma de regulação efetiva que pudesse vir da política democrática, abraçou o corpo inteiro da técnica e passou a habitá-la como se dela fosse o ‘espírito animal’. [...] Os conglomerados monopolistas globais dominam as redes sociais com suas ferramentas de exploração do olhar e de extrativismo de dados pessoais, que são potencializadas pelo assédio viciante que captura o desejo (Bucci, 2023, p. 120-121).

A saída, para Bucci (2023, p. 134), passa pela radicalização da democracia e, contraditoriamente, com a adoção de marcos regulatórios mais efetivos, “no plano nacional e no plano internacional [...] para conter os conglomerados monopolistas globais”.

O texto é indicado para todos aqueles que se interessam pelas alterações conjunturais da atualidade, nesta imbricação nada atual entre técnica, tecnologia, conhecimento e poder; ajuda a questionar os riscos do uso

e da dependência dos aparatos tecnológicos que nos intermediam cotidianamente; e ajuda a esclarecer desejos individuais, moleculares e subjetivos; e movimentos desejantes sociais, molares e mais objetivos, incutidos pela certeza dos donos digitais.

A nós, juristas, é interessante a leitura porque escancara os encantamentos das possibilidades públicas e democráticas de funcionamento do poder na atualidade; demonstra a ilusão dos juristas aferrados à perspectiva pública do direito, ultrapassados já pelo futuro e pelo movimento desde há algumas décadas iniciado de reprivatização do direito que vem pelos novos cercamentos do mundo digital, os novos latifúndios virtuais, a refeudalização planetária; ou isso que se chamou de plataformação. É a economia que determina a política; e a política determina o jurídico. Diante disso, não há como insistir nos direitos e garantias individuais e sociais através de pura normatividade e idealismo; é preciso perceber o fenômeno jurídico de modo muito mais complexo. As máquinas participam da gestão do dinheiro e das coisas públicas. Mas as máquinas têm dono. Como pensar sobre algo que pouco compreendemos? Como agir a partir de algo que determina até os mesmo nossos atos? A inteligência humana ainda funciona? A indústria, inclusive a cultura, engendra conformismo; inclusive nos programas de pesquisa, nas pós-graduações. As certezas que se têm sobre as relações entre o direito, a sociedade e a tecnologia precisam ser desfeitas, é preciso se desencantar; são relações que não mais nos orientam, justamente: nos desorientam e orientam apenas os donos do mundo digital.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante**. Tradução de Antonio de Padua Danesi. Campinas: Verus, 2007.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário**: como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

BUCCI, Eugênio. **O Estado de Narciso**: a comunicação pública a serviço da vaidade particular. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. **Videologias**: ensaios sobre televisão. São Paulo: Boitempo, 2004.

KONDER, Leandro. Para ler ensaios. In. **As artes da palavra**: elementos para uma poética marxista. São Paulo: Boitempo, 2005

LUKÁCS, Georg. Sobre a forma e a essência de um ensaio. In. **A alma e as formas**: ensaios. Tradução de Rainer Patriota. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

POINCARÉ, Henri. A intuição e a lógica na matemática. In. **O valor da ciência**. Tradução de Maria Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Contraponto, 1995.